Covid-19: suas implicações sobre as economias e em particular a de Angola

Paulo Vica[1]

Resumo

O presente artigo, intitulado buscou identificar e compreender os efeitos nefastos gerados pela Covid-19 sobre as economias, com realce para os seguintes países: África do Sul, Alemanha, China, Estados Unidos, Finlândia, França, Itália, Japão, Malásia, Reino Unido, Singapura e, em particular, Angola. A compreensão do seu impacto sobre a economia somente foi possível, mediante análise de alguns indicadores económicos, tais como: a taxa de crescimento do PIB, a taxa de inflação, a taxa de desemprego, o índice de dívida pública, a taxa de juros e o nível de confiança dos empresários, subscritos na seguinte indagação: Como se comportaram as economias, mediante a pressão provocada pela Covid-19,consubstanciada no aumento de casos? Deste modo, associámos a análise destes indicadores económicos à mudança climática — o factor sazonal, considerado por alguns especialistas em saúde pública como fase de pico da Covid-19, permitiu obter três cenários de resultados sobre o comportamento das economias mediante pressão da Covid-19, a saber: a) a Covid-19 tem estado a exercer uma pressão negativa sobre as economias, afectando os rendimentos dos particulares, assim como as receitas provenientes dos impostos, que constituem a principal fonte de rendimento de um governo; b) apesar de alguns países registarem números expressivos de infecção por Covid-19, alguns dos indicadores económicos analisados tiveram um desempenho positivo, ou seja, registaram uma evolução positiva entre um período e outro; c) já para outras realidades, como é o caso de Angola, os indicadores económicos revelaram grandes fragilidades não só devido asfixia provocada pela Covid-19 mas pelo facto de a sua economia padecer de outros males, herdados muito antes do surgimento da pandemia.

Palavras-chave: Indicador económico. Covid-19. Angola.

Abstract

This article, entitled, covid-19: its implications for economies and in particular that of Angola, sought to identify and understand the harmful effects generated by covid-19 on economies, with emphasis on the following countries: South Africa , Germany, China, United States, Finland, France, Italy, Japan, Malaysia, United Kingdom, Singapore and in particular Angola. The understanding of its impact on the economy was only possible through the analysis of some economic indicators, such as: the GDP growth rate, the inflation rate, the unemployment rate, the public debt index, the interest rate and the level of confidence of entrepreneurs, subscribed to the following question: how did the economies behave, under the pressure caused by covid-19 - substantiated in the increase in cases? Thus, based on the analysis of these economic indicators, associated with climate change - seasonal factor, considered by some public health specialists, as the peak phase of covid-19, it allowed to obtain three scenarios of results, on the behavior of economies under pressure from the covid-19, namely: a) covid-19 has been putting negative pressure on economies, affecting private income, as well as tax revenue, which is the main source of government income; b) in spite of some countries, registering expressive numbers of covid-19 infection, some of the economic indicators analyzed had a positive performance, that is, they registered a positive evolution, between one period and another; c) for other realities, such as Angola, its economic indicators

1 Consultor económico e docente universitário. Contacto: paulo.vica23@hotmail.com

revealed great weaknesses, not only due to the suffocation caused by the covid-19, but that its economy suffers from other evils, inherited long before the emergence of the pandemic.

Keyswords: Economics indicator. Covid-19. Angola.

Introdução

O mundo, e em particular Angola, têm enfrentado uma grave crise de saúde pública provocada pela pandemia da SARS-CoV-2. A Covid-19, como é também conhecida, tem exercido uma influência negativa na qualidade de vida já fragilizada de algumas famílias.

Em Angola, a realidade é ainda mais alarmante, dada a situação económica que o país tem vindo a enfrentar, sobretudo nos últimos quatro anos e recentemente devido ao surto de SARS-CoV-2, o que torna ainda mais difícil a vida de algumas famílias, dado o aumento do número de desempregados, sobretudo indivíduos com a posição de chefes de família[2], na sequência de vários despedimentos colectivos ou individuais, como se verifica nos últimos meses.

A ausência de uma forma digna de obtenção de rendimento tem gerado reacções, menos abonatórias em alguns indivíduos, típicas do desemprego, as quais são abordadas em algumas literaturas de pendor económico ou sociológico, como: baixa autoestima; tendência para o suicídio; consumo exagerado de álcool e de outras drogas; aumento da violência doméstica; violação sexual; e distúrbios psicológicos.

As economias mundiais têm asfixiado por conta do vírus da Covid-19, ficando as empresas em estado de vulnerabilidade financeira, sendo que, na maioria dos casos, acabam por decretar falência. Os que se mantêm no activo apresentam reduções consideráveis nos níveis de produção, acabando por comprometer o crescimento económico do país.

Assim, para melhor condução desta pesquisa, formulou-se a seguinte interrogação:

Como se comportaram as economias mediante a pressão provocada pela Covid-19,— consubstanciada no aumento de casos? E, no ensejo de alcançar resultados precisos, traçaram-se os seguintes objectivos: identificar as medidas, administrativas, de combate à Covid-19 adoptadas pelos governos; demonstrar e compreender o impacto destas medidas sobre as economias, mediante análise de seis indicadores económicos. A pesquisa em causa é do tipo descritiva, baseada num um estudo comparado, entre as economias, mediante correlação de factos, com recurso à interpretação das informações mediante tabelas e gráficos, visando obter respostas sobre o comportamento da economia. O trabalho em causa cingiu-se na escolha de economias de doze países, expressivas e relevantes, com dados actualizados, nos distintos continentes: americano (1), europeu (5), asiático (4) e africano (2), recorrendo a análise de desempenho de seis indicadores económicos, como: taxa de crescimento do PIB (em %), taxa de inflação (em %), taxa de desemprego (em %), índice de dívida pública (em %), taxa de juros (em %) e nível confiança do empresariado (em pontos). Estas variáveis serão explicadas face ao aumento da Covid-19, de Janeiro até finais da segunda semana de Agosto, segundo mês do segundo semestre de 2020, tendo como base as informações da *Tradingeconomics*.

O vírus da SARS-CoV-2

De acordo com alguns pesquisadores, trata-se de uma nova doença, aparentemente identificada nos anos de 2002 e 2003[3] como vírus que causa um surto de síndrome

2 A julgar pelo número de membros (4,8) que compõem o agregado familiar da família angolana. Inquérito de Indicadores Múltiplos e de Saúde — IIMS (2015–2016).

3 Trata-se de uma data não muito consensual entre vários especialistas, bem como o seu aparecimento. Alguns pesquisadores afirmam que a mesma teve o seu aparecimento original em seres humanos, nos anos de 1960 a 1964, com base na pesquisa desenvolvida pela virologista escocesa Janet Hunt, cujo trabalho não mereceu apreciação por parte de um conselho científico avalizado na matéria (BBC-NEWS, 2020).

respiratória aguda grave. A SARS-CoV-2, cuja sigla deriva da língua inglesa, *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus,* tem sido a causa de várias mortes no mundo. Até à presente data, os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicavam que o mundo já contabilizara mais de 20 milhões de infectados e provocado a morte de mais de 740 mil pessoas; destes números, o continente africano contava já com mais de 1 milhão de infectados e acima de 24 mil mortes.

Angola, embora com poucas infecções, quando comparada com os restantes países em análise, tem sido uma preocupação para alguns especialistas nesta matéria, porque apresenta um índice maior de letalidade, onde em cada 100 pessoas infectadas o número de mortes é de 6 a 8 pessoas em relação a outros países como os Estados Unidos, a África do Sul e a Alemanha, com uma incidência 2 a 3 mortes em cada 100 pessoas.

A SARS-CoV-2, ou também designada pelo termo coronavírus[4], até à data não encontrou um antídoto eficaz, capaz de erradicar por completo o vírus do mundo. Apesar de existirem em curso algumas pesquisas, em estado avançado em laboratórios de referência mundial, o certo mesmo é que a melhor forma de cura é ainda a prevenção.

A Covid-19 é uma doença altamente contagiosa, afectando as vias respiratórias. De acordo com Alcochete (2020), o genoma dos coronavírus é uma molécula de ARN de fita simples, sentido positivo, cujo tamanho varia entre 27 a 32 kpb e que contém pelo menos seis *Open Reading Frames*(ORF).

Alguns estudos não conclusivos referem que a SARS-CoV tem origem em animais, em particular em algumas espécies de morcegos, provando que certos animais podem transmitir ao ser humano.

Os sintomas provocados em seres humanos normalmente manifestam-se por febres altas e tosses, geralmente acompanhadas de complicações respiratórias, e também podem também causar complicações renais, de acordo com a pesquisa feita na Universidade Nova de Lisboa (2020).

Por outro lado, regista-se a preocupação, por parte de alguns especialistas, quanto possíveis casos de pessoas que revelaram ser portadoras deste vírus, mediante testes, mas que não apresentaram sintomas, ou seja, são assintomáticas, pelo que podem propagar ainda mais o vírus. Em Angola, esta é uma preocupação, uma vez que a sua população é maioritariamente constituída por jovens. A outra preocupação dos profissionais de saúde refere-se à escassez de matérias, revelando-se insuficientes, no âmbito de políticas de testagens em massas, como medidas recomendadas pela OMS, em algumas classes profissionais que no seu dia-a-dia entram em contacto com um número expressivo de indivíduos, face a importância das suas actividades, tais como: taxistas, camionistas, profissionais de saúde, agentes da ordem e segurança, funcionários das repartições públicas, funcionários bancários e professores, sendo estes últimos fundamentais para o retomar das aulas.

A pressão da Covid-19 sobre às economias mundiais e em particular a angolana

A pressão exercida sobre as economias mundiais, causada pela pandemia da Covid-19, é bastante acentuada. O ano de 2020 ficará registado como um ano atípico, face aos efeitos desta pandemia, evidenciando contracção na maioria das economias. É importante apurar o impacto desta contracção no PIB, cujos efeitos poderão ser bastante penosos para famílias, empresas e inclusive para o próprio governo.

Estima-se que as grandes economias mundiais em 2020 recuarão em média 6% a 14%, e as consequências deste recuo, provocado pelo novo vírus, já estão sendo sentidas pelas

4 Trata-se de um grupo de vírus que tem uma espécie de coroa em volta, sendo alguns deles patogénicos e altamente infeccioso, sobretudo em crianças e idosos ou em indivíduos que padecem de outras patologias.

economias, com o agravar do desemprego à escala mundial, a asfixia das empresas, a queda do preço do barril de petróleo e o agudizar das condições sociais. Estas têm piorado sob os efeitos da Covid-19, principalmente nas economias subdesenvolvidas, inclusive a de Angola, o que agrava as condições sociais de algumas famílias e a pobreza, com reflexo para desnutrição infantil, onde a procura de alimentos em contentores de lixo, que há muito deixou de ser realidade, ganhou outra dimensão.

Por outro lado, os efeitos da Covid-19,aliados com as medidas de prevenção adoptadas por alguns governos, têm estado a sufocar as economias. De acordo com Vica (2020), os efeitos da Covid-19 têm estado a sufocar as grandes economias, os governos adoptaram medidas de prevenção ao alastramento desta pandemia, reduzindo a sua força de trabalho como medida de diminuição do contágio, e, como consequência, tem-se verificado um abrandamento no volume de produção, com efeitos perversos para a economia.

Verifica-se que nem as economias tidas como robustas têm sabido lidar com esta situação, com prejuízos a rondarem as centenas de milhões de dólares nestes países, o que comprometerá alguns indicadores económicos e sociais, principalmente.

Vica (2020) chama atenção para a dimensão do impacto da Covid-19 sobre as grandes economias, e muito mais sobre as economias subdesenvolvidas, que se revelaram fragilizadas. A Covid-19 não tem poupado as grandes economias, e muito menos poupará as economias subdesenvolvidas.

Angola, particularmente, tem sofrido as consequências da SARS-CoV-2 de modo acentuado, uma vez que o país por si só já enfrentava os prejuízos dos desajustes do preço do crude, o pilar da sua economia, entrando em recessão pela quarta vez consecutiva. O país vive mergulhado numa situação económica difícil, que só tem vindo a degradar-se mais por conta da situação da pandemia da Covid-19 nos últimos meses, embora o governo tenha procurado alternativas através de políticas públicas «económicas», a fim de suavizar as dificuldades pelas quais padecem os cidadãos. Infelizmente, a situação económica e social tem vindo a degradar-se cada vez mais, tendo ainda pela frente o problema da corrupção[5],que tem beliscado os vários programas de combate nos municípios.

Análise de (seis) indicadores económicos

Os indicadores económicos espelham o comportamento e/ou evolução das economias, indicam quão robusta pode ser uma economia, mediante relação de duas grandezas matemáticas. Partindo desta premissa, recorreu-se aos seguintes indicadores, mormente: taxa de crescimento do PIB; taxa de inflação; índice de endividamento público (dívida pública); taxa de desemprego; taxa de juros; e nível de confiança do empresariado. Estes indicadores ajudam-nos a compreender melhor o estado de uma economia, a sua robustez ou ainda, se quisermos, o seu desempenho.

1. Taxa de Crescimento do PIB

Este indicador fornece informações, sobre as actividades económicas desenvolvidas num dado lugar, país ou região, mensurado em termos relativos, demonstrando desta forma o comportamento de uma economia (PIB) entre um período e outro, podendo ser expresso de forma mensal, trimestral, semestral ou anual (sendo o último mais comum). Este indicador permite que os governos, através de mecanismos próprios, implementem medidas económicas «futuras» que favoreçam a sua correcção, sempre que a trajectória pretendida comprometa os resultados esperados.

5 Uma enfermidade que corrói o país há muitos anos, criando uma elite de endinheirados à custa do erário público.

Com base nas informações extraídas da *Tradingeconomics,* indiciava-se um abrandamento do crescimento da economia, na maioria dos países, à excepção da economia chinesa, que, até ao segundo mês do segundo semestre, apresentou uma taxa positiva de 11,5%, conforme tabela abaixo:

Tabela n.º 1: taxa de crescimento do PIB (%)

Taxa de Crescimento do PIB (%)		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
China	11,5	-10
Angola	-1,8	-0,6
África do Sul	-2	-1,4
Finlândia	-3,2	-9
Japão	-7,8	0,6
Alemanha	-10,1	-2
Itália	-12,4	-5,4
França	-13,8	-5,9
Malásia	-16,5	-2
Reino Unido	-20,4	-2,2
Estados Unidos	-32,9	-5
Singapura	-42,9	-3,3

Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

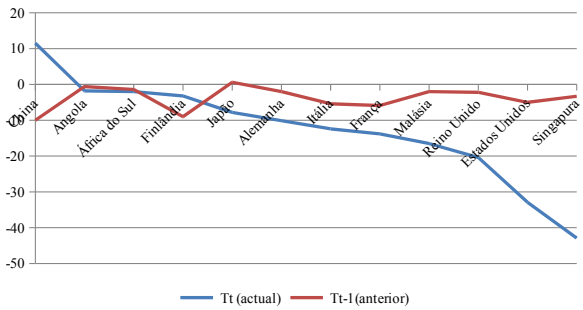
A tabela acima reflecte o impacto económico e financeiro que as famílias em todo mundo poderão enfrentar até ao final do ano. Os dados descrevem um recuo acentuado no crescimento das economias, isto é, até ao segundo mês do segundo semestre, pelo que é imperioso que os governos reformulem as suas estratégias, sobretudo as políticas de combate à pandemia, abrindo e liberalizando as actividades económicas, de modo gradual, como meio de inverter os efeitos da Covid-19 na economia.

A China é um dos países que têm estado a tirar bom proveito desta situação, como forma de a inverter. Aproveitando o caos provocado pela pandemia em alguns países, dinamizou a sua economia mediante o comércio de matérias e equipamentos de biossegurança contra a Covid-19 e outros bens, o que fez com que registasse uma taxa de crescimento do PIB positiva (11,5%).

Já a Alemanha, tida como uma das principais economias da Europa, bem como a Itália, França, o Reino Unido, os Estados Unidos e Singapura e economias dos Tigres Asiáticos, registaram taxas de crescimento abaixo de zero, o que de certo modo comprometerá os financiamentos e/ou investimentos destinados às áreas sociais, que é habitual os países europeus realizarem dentro e fora de suas fronteiras.

Embora a maioria dos países tenha registado taxas de crescimento do PIB negativas, em termos de desempenho (evolução), poderá apresentar-se outro tipo de informação, conforme gráfico abaixo:

Tabela n.º 1: taxa de crescimento do PIB (%)



Angola, a África do Sul, a Finlândia e o Japão fazem também parte do grupo de países com taxas de crescimento do PIB negativas, porém não abaixo de 10%. Importa também realçar

que, embora a Finlândia apresente uma taxa de crescimento negativa, de -3,2% (período actual), foi a segunda melhor economia, quando comprada com a da China, em termos de crescimento, registando uma variação positiva de 64%.

O Japão configura-se como a economia com o pior desempenho com uma variação negativa na ordem de 1400%. Angola ocupa a sétima pior posição com uma variação negativa da sua economia na ordem dos 200%.

2. Inflação

A inflação mede o nível geral dos preços, ou seja, mostra como se comportam os preços no mercado, num determinado período. Este indicador de desempenho económico é calculado com base no índice de preço do consumidor, a partir de um conjunto de produtos que constituem a cesta básica de uma comunidade. A inflação permite avaliar a capacidade aquisitiva dos agentes económicos: quanto maior for a taxa de inflação, mais prejudicadas ficam as famílias, com seu poder de compra fragilizado, e a economia ressentir-se-á dos seus efeitos corrosivos.

Tabela n.º 2: taxa de inflação (%)

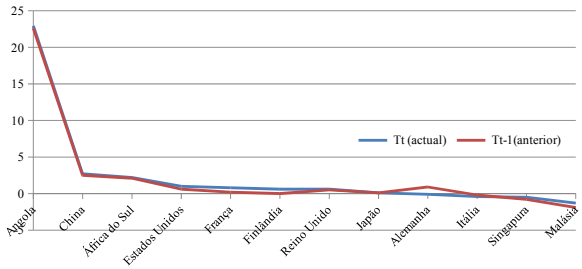
Taxa de Inflação (%)		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
Angola	22,93	22,62
China	2,7	2,5
África do Sul	2,2	2,1
Estados Unidos	1	0,6
França	0,8	0,2
Finlândia	0,6	0
Reino Unido	0,6	0,5
Japão	0,1	0,1
Alemanha	-0,1	0,9
Itália	-0,4	-0,2
Singapura	-0,5	-0,8
Malásia	-1,3	-1,9

Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

A economia angolana surge numa posição desfavorável, ocupando a primeira posição, de forma consecutiva, com uma das taxas de inflação mais elevadas, no leque destes países, acima de 21%, o que demonstra bem a corrosão do poder de compra dos agentes económicos, sobretudo nesta fase da Covid-19.

Já países como Itália, Singapura e Malásia registaram taxas de inflação negativas, entre 0,4% e 2%. Esta situação também não é muito boa, pois denota-se uma preocupação com o crescimento das suas economias. Mas pode afirmar-se que estão em melhor posição do que a economia angolana.

Gráfico n.º 2: taxa de inflação (%)



Em termos de comportamento, a economia nipónica manteve-se inalterada.A sua taxa de inflação, durante o período em análise,manteve-se em 0,1%. Em contrapartida,França, Alemanha, Finlândia e Itália registarão as maiores variações, entre 100% e 300%, isto é, de

um período para outro. Já a economia angolana foi a que se alterou, na ordem de 1,37%, porém foi a economia mais inflacionada.

3. Dívida pública

A dívida pública demonstra o endividamento contraído pelas instituições do Estado a nível central e local. Normalmente, este indicador, o índice de endividamento, expressa a capacidade de uma economia em honrar os seus compromissos, futuros, e, quanto menor for o rácio, maior será a capacidade do país em «quitar» os seus endividamentos, assumidos pelo governo, o que poderá se traduzir em mais folga do governo, de receitas que devem ser alocadas em investimentos estratégicos em vários sectores, principalmente no sector social.

Como foi que a pandemia encontrou estes países em termos de compromissos?

A resposta a esta questão pode ser encontrada mediante análise da tabela abaixo, referente aos doze países em análise.

Tabela n.º 3: dívida pública em percentagem do PIB

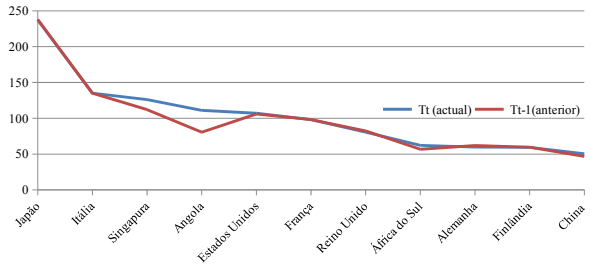
Dívida Pública (%) do PIB		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
Japão	237	238
Itália	135	135
Singapura	126	112
Angola	111	80,5
Estados Unidos	107	106
França	98,1	98,1
Reino Unido	80,7	82,4
África do Sul	62,2	56,7
Alemanha	59,8	61,9
Finlândia	59,4	59,6
China	50,5	46,8
Malásia	-	-

Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

O Japão afigura-se como o país com o maior índice de dívida pública, na ordem de 237% do seu PIB. E, na quarta posição, negativa, encontra-se a economia angolana, com 111%. Já a China esteve mais bem posicionada, comparativamente com as demais economias em análise, com um registo de 50,5% do índice de endividamento em relação ao PIB.

Recorrendo à análise sobre o comportamento das economias, podemos destacar o seguinte:

Gráfico n.º 3: dívida pública em percentagem do PIB



Em termos de comportamento ou de variação, se quisermos, Angola foi o país que mais cresceu em termos de endividamento neste período, apesar de ocupar a quarta posição, com variação de 38%, o que demonstra que, de um período a outro, a dívida evoluiu bastante, sendo a economia angolana, nesta fase, a que mais variou, enquanto as restantes economias registaram variações abaixo de 14%.

4. Desemprego

O desemprego reflecte o número de pessoas economicamente activas que, no período em análise, se encontram sem emprego formal. A taxa de desemprego mede a incapacidade do país em absorver a população economicamente activa para o mercado de trabalho, ou seja, expressa a relação entre o número de pessoas desempregadas em relação à força de trabalho: quanto menor for esta taxa, maior será a produção nacional, aparentemente.

A tabela abaixo descreve os últimos dados actualizados até ao segundo mês do segundo semestre do corrente ano, nomeadamente a taxa de desemprego nos doze países analisados:

Tabela n.º 4: taxa de desemprego (%)

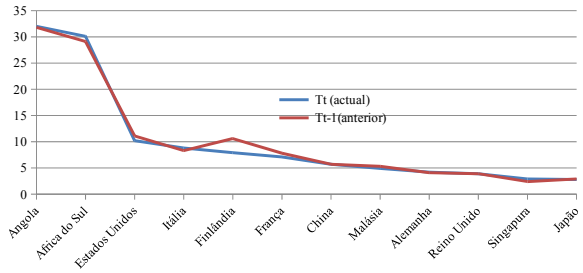
Taxa de desemprego (%)		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
Angola	32	31,8
Africa do Sul	30,1	29,1
Estados Unidos	10,2	11,1
Itália	8,8	8,3
Finlândia	7,9	10,6
França	7,1	7,8
China	5,7	5,7
Malásia	4,9	5,3
Alemanha	4,2	4,1
Reino Unido	3,9	3,9
Singapura	2,9	2,4
Japão	2,8	2,9

Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

Angola registou, pela segunda vez, a maior taxa de desemprego, 31,8% (no último período) e 32% no período actual, reflectindo uma fraca capacidade de resposta por parte do governo, por meio de políticas públicas direccionadas para o combate do desemprego. E importa ressaltar que a maior parte destes indivíduos que se encontram desempregados são maioritariamente jovens na faixa etária dos 14 aos 24 anos, Angola, ao contrário dos outros países, com excepção da África do Sul, que também possui uma população economicamente activa, é composta maioritariamente por jovens.

O Japão destaca-se pela positiva como sendo o país com a menor taxa de desemprego, de 2,8%, seguido de Singapura, Reino Unido, Alemanha, Malásia, China, França e Itália, com taxas de desemprego abaixo de 10%.

Gráfico n.º 4: taxa de desemprego (%)



Importa referir que a economia finlandesa foi a que melhor desempenho teve, com uma redução na ordem dos 25% do desemprego, se comparado com o período anterior, seguida das economias dos Estados Unidos, com uma variação positiva de 8,1%, de França, com 8,9%, da Malásia, com 7,5%, e do Japão, com 3,4%. Por seu turno, a economia de Singapura foi a que mais evoluiu do ponto de vista negativo, com uma variação de 20,8%. Por outro lado, apesar de a economia angolana ser a que menos mudanças registou (0,6%), continua a apresentar a taxa de desemprego mais elevada, de 32% no período em análise, e na mesma linha segue a economia Sul-africana.

5. Juros

O juro é o valor que o tomador do empréstimo paga ao detentor do capital, sendo que a taxa reflecte o preço ou o encargo que o tomador deverá suportar aquando da obtenção do capital de empréstimo, junto das instituições de financiamento, mormente os bancos comerciais. Este indicador económico permite analisar o desempenho de uma economia no âmbito dos investimentos feitos pelo sector privado: quanto menor for a taxa de juros a ser praticada pelo sistema financeiro, mais oportunidades a economia terá de se diversificar e, consequentemente, será mais competitiva, o que estimulará potenciais investidores, nacionais e estrangeiros, nos vários escalões de actividades, seja do tipo micro, pequenas, médias ou grandes empresas. Deste modo, as taxas de juros causarão menos impacto negativo no preço final dos bens.

Como a Covid-19 está a actuar no sistema financeiro?

Tabela n.º 5: taxa de juros (%)

Taxa de Juros (%)		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
Angola	15,5	15,5
China	3,85	3,85
Africa do Sul	3,5	3,75
Malásia	1,75	2
Estados Unidos	0,25	0,25
Singapura	0,16	0,12
Reino Unido	0,1	0,1
Finlândia	0	0
França	0	0
Alemanha	0	0
Itália	0	0
Japão	-0,1	-0,1

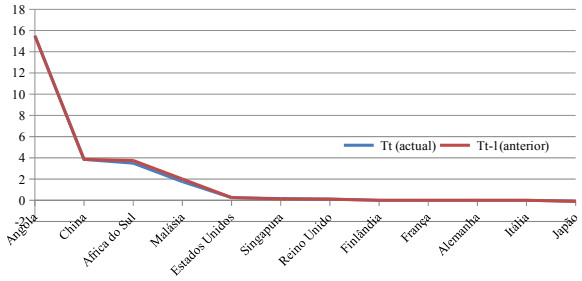
Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

Como se pode constatar, Angola apresentou, de forma consecutiva, a maior taxa média de juros, na ordem de 15,5%, praticada pelos bancos comerciais, o que espelha o peso que os empréstimos representam na estrutura financeira de uma organização e, consequentemente, tem implicações negativas na atracção de potenciais investidores, sejam estes nacionais ou estrangeiros.

Um outro dado a ser retido é referente às economias dos seguintes países: Estados Unidos, Singapura, Reino Unido, Finlândia, França, Alemanha, Itália e, mais ainda, Japão registaram, no período corrente, taxas bem próximas de zero, na sua maioria, e inclusive negativas (Japão), o que poderá transmitir, num primeiro momento, uma situação favorável para a economia, mas que rapidamente poderá conduzir, caso seja reiterada, a uma armadilha de liquidez, como tem sido a economia nipónica nos últimos anos.

Analisando o desempenho deste indicador no gráfico abaixo, poderemos obter mais informações:

Gráfico n.º 5: taxa de juros (%)



As economias da Malásia e da África do Sul foram as únicas a registar uma evolução positiva, com reduções nas taxas de juro na ordem de 12% e 6,7%, respectivamente, enquanto a economia de Singapura foi a única que teve um desempenho negativo, com uma variação de 33%. Já as demais economias se apresentaram sem alterações entre um período e outro.

6. Confiança dos empresários

Traduz o grau de risco em que os empresários incorrem ao investir num determinado segmento de negócio. Por outras palavras, trata-se de uma análise baseada em variantes fundamentais que causam impacto no investimento, determinando assim o risco associado àquela actividade, fruto das oscilações do mercado, em reacção a factores económicos, políticos, culturais e outros. Este indicador é analisado periodicamente e revela também a propensão de uma economia para atrair ou afastar o capital de outras economias.

Tabela n.º 6: confiança dos empresários (pontos)

Confiança dos Empresários (pontos)		
Países	**Tt (actual)**	**Tt-1(anterior)**
Alemanha	**90,5**	**86,3**
Itália	**85,2**	**80,2**
França	**82**	**78**
Malásia	**81**	**85**
Estados Unidos	**54,2**	**52,6**
China	**51,1**	**50,9**
Africa do Sul	**5**	**18**
Reino Unido	**-1**	**-87**
Singapura	**-7**	**-56**
Angola	**-16**	**-4**
Finlândia	**-16,6**	**-24**
Japão	**-34**	**-8**

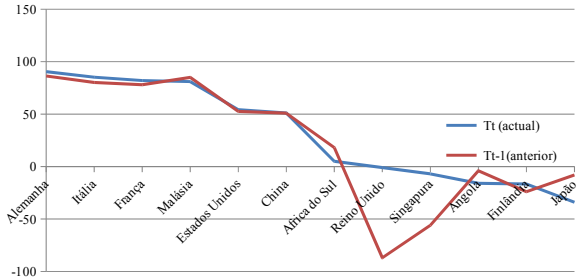
Fonte: Adaptado a partir da *Tradingeconomics* (2020).

A tabela acima espelha que as economias de Alemanha, Itália, França, Estados Unidos e China se encontram acima dos 50 pontos, o que espelha a confiança por parte dos empresários, já abaixo dos 50 pontos, reflectindo um elevado pessimismo por parte dos mesmos em relação à economia. Nesta situação crítica estão as economias de Japão, Finlândia, Angola, Singapura e Reino Unido, com níveis de confiança abaixo de zero, reflectindo o elevado pessimismo, dos empresários em relação à evolução da economia, com base nas variantes em causa. Embora a economia sul-africana apresente uma pontuação baixa (5 pontos), está mais bem posicionada em relação às últimas economias referenciadas.

E como foi o comportamento deste indicador económico, nestes países, até ao período (Tt) em referência?

Para responder a esta pergunta, recorreu-se mais uma vez ao gráfico, que espelhará o desempenho deste indicador:

Gráfico n.º 6: confiança dos empresários (pontos)



As economias do Japão e de Angola, além de ocuparem as últimas posições, com classificações abaixo de zero, também foram as economias que registaram evoluções negativas, com variações de 325% e 300%, ou seja, até ao último período de análise, os empresários desenvolveram algum pessimismo quanto à recuperação da economia destes países, face às perturbações sentidas pelo mercado em geral.

Os indicadores ora apresentados espelharam o desempenho de cada uma das doze economias, durante a fase de aumento de casos de infecções da Covid-19 pelo mundo. E, para melhor ilustração desta evolução sobre as economias dos doze países em análise, criou-se uma tabela única, que abaixo se apresenta:

Tabela n.º 7: desempenho das economias baseado na análise de 6 indicadores

Países	Indicadores económicos												Melhor posição
	Cresc. PIB		Inflação		Dívida Pública		Desemprego		Juro		Conf. do Empresário		
	(%)	Δ%	(%)	Δ%	(%)	Δ%	(%)	Δ%	(%)	Δ%	(Pontos)	Δ%	
Africa do Sul	-2	⬇	2,2	⬆	62,2	⬆	30,1	⬆	3,5	⬇	5	⬇	11ª
Alemanha	-10,1	⬇	-0,1	⬇	59,8	⬇	4,2	⬆	0	⬌	90,5	⬆	2ª
Angola	-1,8	⬇	22,93	⬆	111	⬆	32	⬆	15,5	⬌	-16	⬇	12ª
China	11,5	⬆	2,7	⬆	50,5	⬆	5,7	⬌	3,85	⬌	51,1	⬆	4ª
Estado Unidos	-32,9	⬇	1	⬆	107	⬆	10,2	⬇	0,25	⬌	54,2	⬆	9ª
Finlândia	-3,2	⬆	0,6	⬆	59,4	⬇	7,9	⬇	0	⬌	-16,6	⬆	1ª
França	-13,8	⬇	0,8	⬆	98,1	⬌	7,1	⬇	0	⬌	82	⬆	7ª
Itália	-12,4	⬇	-0,4	⬇	135	⬌	8,8	⬆	0	⬌	85,2	⬆	6ª
Japão	-7,8	⬇	0,1	⬌	237	⬇	2,8	⬇	-0,1	⬌	-34	⬇	5ª
Malásia	-16,5	⬇	-1,3	⬇	--	--	4,9	⬇	1,75	⬇	81	⬇	3ª
Reino Unido	-20,4	⬇	0,6	⬆	80,7	⬇	3,9	⬌	0,1	⬌	-1	⬆	8ª
Singapura	-42,9	⬇	-0,5	⬇	126	⬆	2,9	⬆	0,16	⬆	-7	⬆	10ª

Fonte: Adaptada a partir de tabelas anteriores

Legenda:

Figura	Interpretação
⬇ ou ⬆	Evolução/ou Desempenho Positivo
⬇ ou ⬆	Evolução/ou Desempenho negativo
⬌	Inalterado/ou sem variação
Δ%	Variação percentual
Sem dados	Sem dados actuais

Com base nos seis indicadores económicos analisados, podemos interpretar que a economia angolana ocupou a última posição (12.º), uma vez que, dos seis indicadores analisados, apresentou baixos desempenhos em cinco indicadores. O facto traduziu-se numa evolução negativa, entre um período e outro, tendo a taxa de juro como o único indicador, cujo desempenho foi nulo, ou seja, não teve evolução nem positiva nem negativa, mantendo a taxa de juro nos 15,5% (por sinal, a mais alta no conjunto das doze economias).

Países como Finlândia, Alemanha, Malásia e China, nesta análise, tiveram o melhor desempenho, ocupando as melhores posições na tabela acima (1.º, 2.º, 3.º e 4.º lugares). Outro dado a ser retido desta tabela é o registo positivo da taxa de crescimento do PIB da China (11,5%).

Foram perceptíveis os efeitos negativos, em alguns dos seis indicadores, nas distintas economias, sendo que algumas se comportaram de forma positiva. Porém, na maioria dos

casos, registaram desempenho negativo, o que certamente comportará algumas repercussões sociais negativas, visíveis já em algumas economias, sobretudo para aquelas que já enfrentavam graves problemas económicos, antes do surgimento da pandemia, tais como: fraca diversificação da economia, dependência excessiva do sector petrolífero, elevado índice de corrupção, avultados custos com juros ao serviço da dívida pública, escassa aposta na tecnologia e inovação em sectores estruturantes da economia, reduzido investimento no sector social, como a educação e o sistema de saúde pública, limitado exercício da democracia entre outros, que estão na base desta vulnerabilidade.

A redução da produção está consubstanciado na limitação imposta pelos governos, em medidas referentes a: circulação de pessoas, encerramento dos aeroportos e portos, redução da força produtiva das empresas, entre 70% a 50%, como medidas administrativas adoptadas de combate à propagação do vírus da SARS-CoV-2. Todas estas determinações provocarão danos na economia, conforme salienta Vica (2020):"não nos parece fácil a implementação de medidas económicas que visam criar uma almofada financeira no curto prazo, quando em princípio foi o próprio governo responsável pelo desligamento — *shutdown* — da economia, como medida de segurança pública, em detrimento do bem maior — a vida." Para isto, será necessário que os governos reformulem as suas estratégias de combate àCovid-19.

Após análise dos indicadores económicos, seria prudente descrever também o estado epidemiológico da Covid-19 nos doze países estudados, para melhor compreensão do modo como a pandemia está a impactar a economia, uma vez que se deduz que os recursos que outrora seriam alocados em actividades devidamente programadas (OGE-2020) hoje estão sendo canalizados para o combate à Covid-19, o que limitará os recursos.

Assim, de forma empírica, procurou-se responder à seguinte questão: Como a Covid-192 afectou os países em causa, até ao período em análise?

A pergunta permitirá compreender melhor o impacto deste vírus sobre a economia. Sendo a situação epidemiológica considerada até o período em referência, os dados destes países foram:

Tabela n.º 8: situação epidemiológica da Covid-19 (2ª Semana/Agosto)

Países	Total Infectadas	Total Mortes	Total Recuperados	Classificação
África do Sul	611 450	13 059	516 494	2ª
Alemanha	234 853	9 272	207 770	6ª
Angola	2 171	96	818	12ª
China	90 205	4 634	79 961	7ª
Estado Unidos	5 754 150	177 279	2 262 283	1ª
Finlândia	7 871	334	7 100	11ª
França	244 854	30 377	85 199	5ª
Itália	260 298	35 437	205 662	4ª
Japão	63 121	1 216	49 999	8ª
Malásia	9 274	125	8 965	10ª
Reino Unido	326 614	41 433	--	3ª
Singapura	56 404	27	54 587	9ª

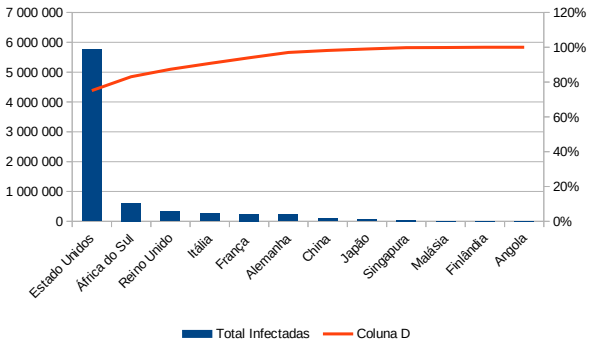
Fonte: OMS e *Tradingeconomics* (2020).

De acordo com os dados do quadro acima, até ao segundo mês referente ao segundo semestre de 2020, os Estados Unidos tinham já registo de mais de 5.000.000 pessoas infectadas, bem como mais de 177.000 mil mortes e, em termos de recuperação, contavam com mais de 2.000.000 de pessoas, destacando-se na primeira posição como o país mais afectado.

Em contrapartida, Angola se encontrava na última posição, 12.º lugar, considerada vantajosa, com apenas 2.171 casos de pessoas infectadas, com registo de 96 mortes e com uma recuperação acima de 818 pessoas.

Esta situação pode ser espelhada através do gráfico geral, referente à situação dos restantes países em análise:

Gráfico n.º 7 : analise da proporção relativa da Covid-19



Fonte: Extraído a partir da tabela 8

Com base nas informações do gráfico acima, só os Estados Unidos representavam 75% do total de casos infectados, com 57% de mortes e 67% pessoas recuperadas, em relação aos dados dos doze países. Angola, numa melhor posição, representa uma proporção de apenas 0,03% nos diferentes cenários, neste leque de países.

Para melhor resposta à pergunta formulada, apresentou-se uma tabela ilustrativa relacionando factos (número de pessoas infectadas e economia, ou seja, evolução da Covid-19 *versus* desempenho económico):

Tabela n.º 9: evolução epidemiológica versus desempenho económico

Países	Covid-19 (pessoas)				Indicadores económicos						
	Total de Infectados	Total de Mortes	Total de Recuperados	Posição	Cresc. PIB (%)	Inflação (%)	Dívida Pública	Desemprego (%)	Juro (%)	Conf. do Empresário	Posição
África do Sul	611.450	13.059	516.494	2ª	-2	2,2	62,2	30,1	3,5	5	11ª
Alemanha	234.853	9.272	207.770	6ª	-10,1	-0,1	59,8	4,2	0	90,5	2ª
Angola	2.171	96	818	12ª	-1,8	22,93	111	32	15,5	-16	12ª
China	90.205	4.634	79.961	7ª	11,5	2,7	50,5	5,7	3,85	51,1	4ª
Estado Unidos	5.754.150	177.279	2.262.283	1ª	-32,9	1	107	10,2	0,25	54,2	9ª
Finlândia	7.871	334	7.100	11ª	-3,2	0,6	59,4	7,9	0	-16,6	1ª
França	244.854	30.377	85.199	5ª	-13,8	0,8	98,1	7,1	0	82	7ª
Itália	260.298	35.437	205.662	4ª	-12,4	-0,4	135	8,8	0	85,2	6ª
Japão	63.121	1.216	49.999	8ª	-7,8	0,1	237	2,8	-0,1	-34	5ª
Malásia	9.274	125	8.965	10ª	-16,5	-1,3	--	4,9	1,75	81	3ª
Reino Unido	326.614	41.433	--	3ª	-20,4	0,6	80,7	3,9	0,1	-1	8ª
Singapura	56.404	27	54.587	9ª	-42,9	-0,5	126	2,9	0,16	-7	10ª

Fonte: Adaptação a partir das tabelas n.º 7 e 8.

A tabela acima ilustra como os países foram afectados pela Covid-19 e o impacto gerado na economia, mediante análise dos indicadores, tendo ficado a Finlândia (país europeu) na penúltima posição (11.º lugar) em termos de número de pessoas infectadas pela Covid-19, o que é bom, porque poderá interpretar-se como menos impacto negativo sobre a economia neste país. Este dado confirmou-se quando analisámos a parte económica, referente aos seis indicadores propostos. Assim sendo, a Finlândia ficou mais bem posicionada (1.º lugar), demonstrando maior robustez económica, tendo apresentado sinais positivos de evolução em quatro dos seis indicadores analisados. Isto demonstra que as políticas públicas que o seu governo tem vindo a adoptar têm surtido efeito na economia e na vida social.

Os Estados Unidos, país americano, tido como o mais afectado do mundo pela pandemia da Covid-19, representando 75% do total dos casos, em comparação com os doze países em análise, do ponto de vista económico ocupou a 9.ª posição, quando se esperava um impacto negativo ainda maior na sua economia, a julgar pelo número de casos de Covid-19 registados. Isto demonstra que, embora os Estados Unidos tenham sido fortemente afectados pela pandemia da Covid-19, a sua economia tem sabido reagir à pressão a que foi submetida, até à presente data, dando sinais de uma economia sólida em relação a alguns indicadores.

Já o caso de Angola (país africano) é considerado atípico, pois, embora seja o país menos afectado pela pandemia em número de infecções, ocupando o 1.º lugar, apresentou o pior desempenho económico até ao período em análise, com base nos seis indicadores de eleição, no grupo dos doze países. Isto demonstra claramente que o país, embora tenha menos casos de infecção, está a ressentir-se de outros problemas estruturais e conjunturais que fustigam a economia há vários anos, o que favorece uma maior vulnerabilidade no sector social (saúde e educação), pelo que seria imperioso que o «novo» executivo adoptasse estratégias diferentes para a estruturação da economia, a fim de conter os efeitos negativos na vida da população.

Considerações finais

É uma certeza que as economias mundiais têm estado a ressentir-se dos efeitos provocados pela Covid-19, traduzidos nas medidas adoptadas pelos governos como forma de contenção da propagação do vírus. Porém, as medidas em causa têm estado a afectar o crescimento económico de vários países, pois restringem a mobilidade de pessoas e bens, sobretudo no exercício do comércio, deixando as famílias numa situação de precariedade social, agudizada pelo aumento do desemprego e pela falência de algumas empresas, sendo que as que se mantêm, até ao momento, são duramente penalizadas pela insuficiência de receitas.

As famílias, pelo mundo, estão a passar por situações económicas e financeiras extremas, principalmente aquelas em que os representantes dos agregados familiares já se encontravam no desemprego — antes do agudizar da situação de pandemia.

A realidade das famílias angolanas é bastante penosa, pois algumas sobrevivem através de acções de solidariedade. Já o mesmo não se pode dizer de outras, que recorrem ao contentor de lixo como solução para as refeições.

É certo que as medidas de combate adoptadas pelos vários governos, inclusive o de Angola, visa preservar o bem maior — a vida. Porém, estas medidas estão a criar grandes constrangimentos à economia, o que poderá fazer perigar a própria vida, caso perdurem por mais tempo. É preciso que os governos vão levantando de forma gradual as algumas medidas que restringem a mobilidade de pessoas, com impacto no exercício da actividade comercial.

A adopção de políticas económicas, robustas e exequíveis, por parte de alguns governos, permitiu que algumas destas economias tivessem melhores desempenhos nos indicadores analisados, pois mostrou que economias mais diversificadas suportam melhor e por mais tempo os impactos negativos gerados pela Covid-19. Não foi o caso da economia angolana, em particular, que revelou maiores fragilidades, aquando do desajuste, negativo, no preço do crude, o que comprometeu de forma acentuada os indicadores analisados. Angola precisa de forma imperiosa de rever a estruturada sua economia, assim como de dar o devido tratamento aos problemas conjunturais de que o país tem sido alvo há décadas — dispersão de investimentos em sectores não determinantes da economia, elevado índice de corrupção, nepotismo e impunidade de certas elites do país.

O mundo, e em particular Angola, deverão aprender a conviver com esta pandemia. Para tal, é necessário que invistam mais em meios de biossegurança, pois é mais sensato conviver com o vírus, mas mantendo a economia funcional, do que o inverso, pois se revelou que, com um *shut down* da economia, os efeitos serão ainda piores do que da própria Covid-19, capazes de desestruturar famílias e de destruir valores éticos e culturais de um povo, com outras consequências no plano económico, como: desemprego, ausência de rendimento, degradação da qualidade de vida, recuo do desenvolvimento das comunidades em vários domínios e sectores sociais, sendo o mais preocupante o de ensino.

Referências bibliográficas

ANGONOTÍCIAS (2020). "Corrupção em Angola vem desde o início da independência". Disponível em: https://www.angonoticias.com/Artigos/item/66042/%E2%80%9Ccorrupcao-em-angola-vem-desde-o-inicio-da-independencia%E2%80%9DAcesso a18 de Setembro de 2020.

ANGOP-AGÊNCIA ANGOLA PRESS (2020). Bélgica junta-se ao combate à corrupção em Angola. Disponível em: http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/politica/2020/1/9/Governo-belga-junta-combate-corrupcao,cc2911fb-16a0-4cd2-889e-298cc8094510.htmlAcesso a17 de Agosto de 2020.

BBC-NEWS, Cientista que descobriu o primeiro coronavírus humano —após ter abandonando escola aos 16 anos (2020). Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-52303032Acesso a17 de Agosto de 2020

De Alcochete, António (2020). Covid-19 (12): genoma e variações genéticas dos coronavírus. Disponível em: https://www.ciencia.ao/component/k2/itemlist/category/81-Covid-19Acesso a11 de Agosto de 2020.

INE, Inquérito de Indicadores Múltiplos e de Saúde (IIMS) 2015–2016. Disponível em: https://dhsprogram.com/pubs/pdf/SR238/SR238.P.pdfAcesso a14 de Agosto de 2020.

ONU-News (2020). OMS: países precisam cooperar na produção de uma vacina para derrotar a Covid-19. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/08/1723532Acesso a20 de Agosto de 2020.

Universidade Nova de Lisboa. Instituto de Higiene e Medicina Tropical (2020). Dossier: origem e dispersão pandémica do coronavírus SARS-COV-2, causador da Covid-19. Disponível em: https://www.ihmt.unl.pt/origem-e-dispersao-pandemica-do-coronavirus-sars-cov-2-causador-da-Covid-19/Acesso a10 de Agosto de 2020.

Vica, Paulo (2016). Reflexão sobre os efeitos da economia de mercado nas práticas de reciprocidade e de solidariedade do povo axiluanda. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12463/1/2016_ECSH_DEP_Disserta%c3%a7%c3%a3o_PAULO%20MIGUEL%20VICA.pdfAcesso a8 de Setembro de 2020.

Vica, Paulo (2020). O impacto da Covid-19: uma reflexão sobre as medidas económicas e administrativas do governo como almofada para aliviar a pressão financeira dos agentes económicos. Disponível em: https://www.cinvestec.com/2020/05/17/o-impacto-da-Covid-19-uma-reflexao/Acesso a15 de Agosto de 2020.

TRADINGECONOMIC-Portal económico electrónico. Disponível em: https://tradingeconomics.com/countriesAcesso de7 Julho a 20 de Agosto de 2020.